UNIVERSIDADE FEDEDRAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Transtornos do Espectro Autista

Isabela Barros Marquez

A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão narrativa de literatura

Belo Horizonte

2024

Isabela Barros Marquez

A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE PESSOAS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): uma revisão narrativa de literatura

Trabalho apresentado ao curso de Especialização em Transtorno do Espectro Autista da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Anamaria Fernandes Viana

Belo Horizonte

2024

150
M357a
2024

Marquez, Isabela Barros.

A afetividade nas relações de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) [recurso eletrônico] : uma revisão narrativa de literatura / Isabela Barros Marquez. - 2024.

1 recurso online (29 f.) : pdf.

Orientadora: Anamaria Fernandes Viana.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1Afeto (Psicologia) . 2.Psicologia clinica. 3. Arte. 4.Autismo. I.Viana, Anamaria Fernandes. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

UFMG

ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA **ISABELA BARROS MARQUEZ**

Realizou-se, no dia 16 de março de 2024, às 10:00 horas, Saguão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO), da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *A afetividade nas relações de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão narrativa de literatura*, apresentada por ISABELA BARROS MARQUEZ, número de registro 2022662029, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Anamaria Fernandes Viana - Orientador (UFMG), Prof(a). Marina Horta Freire (UFMG), Prof(a). Jardel Sander da Silva (UFMG).

A Comissão considerou a monografia:

(X) Aprovada

( ) Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 16 de março de 2024.

gov.br
Documento assinado digitalmente
ANAMARIA FERNANDES VIANA
Data: 04/04/2024 08:19:49-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof(a). Anamaria Fernandes Viana (Doutora)

Prof(a). Marina Horta Freire (Doutora)

Prof(a). Jardel Sander da Silva (Doutor)

Ao meu filho Henrique, que ainda mora
aqui dentro e já tem tanto do meu afeto.

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo sobre a afetividade nas relações de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o impacto do afeto nas relações de pessoas com TEA e, como objetivo específico, discutir a importância do afeto na clínica. A concepção de afeto utilizada baseou-se na teoria desenvolvida por Espinosa (2008). Como metodologia, para esta revisão de literatura, foram selecionados artigos produzidos nos últimos 5 anos, encontrados na base de dados US National Library of Medicine/National Institutes Of Health (PubMed), utilizando as palavras-chave: "*autism*" e "*affection*". De acordo com a investigação bibliográfica desenvolvida, o afeto tem um papel primordial para a evolução humana, a formação do sujeito e a construção de relações sociais. O afeto pode abrir novas perspectivas para lidar com a diferença, especialmente através da arte, e tem uma importante função científica, além de estar associado à saúde mental dos adultos com TEA. Entende-se a necessidade de que novas investigações sejam realizadas a fim de abordar a temática de modo mais aprofundado, posto que a pesquisa limitou-se a utilizar uma única base de dados, que resultou na seleção de apenas 3 artigos.

Palavras-chave: autismo; afeto; afetividade.

ABSTRACT

The present research is a study on affectivity in the relationships of people with Autism Spectrum Disorder (ASD). This research has the general objective of analyzing the impact of affection on the relationships of people with ASD and, as a specific objective, discussing the importance of affection in the clinic. The conception of affection used was based on the theory developed by Espinosa (2008). As a methodology, for this literature review, articles produced in the last 5 years were selected, found in the US National Library of Medicine/National Institutes Of Health (PubMed) database, using the keywords: “autism” and “affection”. According to the bibliographical research developed, affection has a primordial role in human evolution, the formation of the subject and the construction of social relationships. Affection can open new perspectives for dealing with difference, especially through art, and has an important scientific function, in addition to being associated with the mental health of adults with ASD. It is understood that there is a need for new investigations to be carried out in order to address the topic in more depth, given that the research was limited to using a single database, which resulted in the selection of only 3 articles.

Keywords: autism; affection; affectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

METODOLOGIA 10
Resultados 11

DISCUSSÃO 12
Afetividade e sua etimologia 12
A histórica relação entre autismo e maternidade 15
Afeto, corpo, encontro e diferença 18
A pesquisa com afeto e o protagonismo autista 22
Afeto, TEA e saúde mental 25

CONSIDERAÇÕES FINAIS 27

REFERÊNCIAS 29

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM–5, 2014) como um distúrbio do neurodesenvolvimento que atinge as áreas de comunicação e interação social, cognição e comportamento, com padrões e interesses restritos e repetitivos.

Os sinais do autismo são evidentes na primeira infância, manifestando-se nos primeiros anos de vida da criança, e podem ou não estar associados a outras condições, como a deficiência intelectual (Faria; Santos; Cruz, 2021). Apesar dos traços comuns, os autistas expressam suas diferenças neurológicas de modo amplamente variado, por isso o termo "espectro" (Mendonça; Pessoa, 2021).

A palavra "autismo" foi usada a princípio por Eugene Bleuler em sua descrição dos sintomas da esquizofrenia (Lopes, 2017), mas se tornou uma nova categoria nosológica em 1943, quando Leo Kanner escreveu e publicou o artigo intitulado "Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo", no qual apontava uma necessidade de isolamento e de "mesmice" nas crianças que observou e denominou como *autistas*. A investigação de Kanner indicava que se tratavam de crianças que viviam em solidão extrema, por sua "inata inabilidade de contato afetivo normal, biologicamente fornecido" (Kanner, 1943, p. 24), sendo "exemplos de pura cultura sobre distúrbios autistas inerentes ao contato afetivo" (Kanner, 1943, p. 24).

Kanner (1943) relaciona o autismo diretamente ao afeto, mas a definição de afeto pode assumir distintas perspectivas: filosófica, psicológica ou pedagógica. As emoções têm um papel fundamental na história evolutiva do ser humano. Desde o nascimento, o homem está atrelado à afetividade, sendo esta indispensável para o desenvolvimento pessoal e das relações. O afeto tem uma função essencial tanto na habilidade de o indivíduo afetar-se pelo que lhe é interno como também externo. (Faria; Santos; Cruz, 2021).

Para Cunha (2013), existem aspectos científicos no afeto, tendo em vista que a vivência afetiva leva o cérebro a enviar para o corpo informações positivas por meio de sensações prazerosas e felizes. No documentário *O Começo da Vida* (2016), o afeto é apontado como "fita isolante das ligações entre os neurônios", pois através dele essas conexões se fortalecem e não se desfazem. Sendo assim, afeto e cognição estão entrelaçados, e a afetividade é a responsável por aprimorar a inteligência e a aprendizagem (Faria; Santos; Cruz, 2021).

Segundo Alison Gopnik, psicóloga e pesquisadora retratada no documentário citado acima, no cérebro de um bebê existem variadas possibilidades de conexão entre os neurônios; as rotas muito utilizadas se mantêm e se reforçam ao longo do desenvolvimento, já os circuitos

pouco utilizados vão gradualmente desaparecendo. Quando há afeto nas interações e na aprendizagem, as conexões neuronais se fortalecem e se tornam mais importantes do que aquelas conexões que acontecem sem o intermédio do afeto. Logo, o afeto ativa, sustenta e atribui importância às conexões neuronais, sendo necessário "pensar afetivamente" (Faria; Santos; Cruz, 2021, p. 12) no que concerne à aprendizagem de uma criança e seu desenvolvimento emocional e sociocognitivo.

As emoções são expressões espontâneas das pessoas, tal qual a subjetividade, e são cheias de construtos das próprias perspectivas de mundo, experiências e histórias (Pessoa, 2018). Envolver-se com essas emoções, sonhos e interesses é agir com afeto, através do qual há comunicação e vínculo. A conexão afetiva promove sentimentos de segurança e amor, impulsionando a vontade de aprender. No caso do autista, que aprende em seu próprio ritmo, compreensão e respeito são imprescindíveis, junto a um olhar cuidadoso e de reconhecimento de suas potencialidades (Faria; Santos; Cruz, 2021).

Como psicóloga, atuo há 7 anos em clínica particular, atendendo crianças diagnosticadas ou com suspeita de TEA. No contexto de minha prática profissional, nos momentos em que me permiti ser tomada pelos afetos, acessei, enquanto terapeuta, descobertas preciosas em meus atendimentos. Para me deixar ser afetada pelo outro, entendi que era necessária uma certa qualidade de presença, qualidade essa que implica silenciar os próprios preconceitos e aquilo que projetamos no outro, o que queremos do outro e também o que entendemos como *normalidade*, a fim de promover uma abertura para o que esse outro deseja e tem para oferecer e criar.

Na experimentação de respeitar esse saber do outro (lugar do qual comumente destituímos a pessoa com deficiência, pautados no paradigma da normalidade), acontece o encontro com o desejo daquele indivíduo, gerando mais espaço para a liberdade e para a espontaneidade das criações que surgem na efemeridade do instante, no momento presente. Este artigo não propõe um desenvolvimento e uma análise de minha própria clínica, mas me pareceu importante compartilhar sucintamente essa experiência, já que foi a principal motivação para a escolha do tema deste estudo.

Diante do exposto, refletimos acerca da função do afeto nas relações das pessoas com TEA. E, para esta pesquisa, apresentamos como pergunta-problema a seguinte questão: Qual o papel da afetividade nos relacionamentos de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista?

METODOLOGIA

Através da síntese de trabalhos já existentes, a presente revisão de literatura tem como objetivo geral analisar o impacto do afeto nas relações de pessoas com TEA. Os objetivos específicos são: discutir como a classificação nosológica do TEA esteve atrelada historicamente ao afeto, especialmente ao afeto materno; compreender de que maneira o afeto pode abrir novas perspectivas para lidar com a diferença; apresentar a importância do afeto na clínica; discorrer sobre a função que cabe aos afetos no campo das pesquisas acadêmicas; e entender como o afeto está ligado à saúde mental dos adultos com TEA.

A busca e a seleção de algumas das publicações que compõem este estudo foram realizadas através da ferramenta US National Library of Medicine/National Institutes Of Health (PubMed). Optamos por selecionar as produções dos últimos 5 anos que apareceram a partir da busca das palavras-chave: "*autism*" e "*affection*".

Essa investigação aconteceu, entre os meses de novembro e dezembro de 2023, da seguinte forma: busca na base de dados selecionada; leitura dos títulos encontrados; leitura minuciosa dos resumos, excluindo-se os artigos que não abordavam o assunto; e, por fim, leitura na íntegra dos artigos selecionados.

Nesse processo, foram encontrados 19 resultados. Como critérios de seleção, consideraram-se os artigos originais, que, direta ou indiretamente, abordassem o tema pesquisado. Sendo assim, 16 artigos foram excluídos por não tratarem de afeto/afetividade e/ou de autismo, restando apenas 3 artigos para compor a revisão bibliográfica narrativa acerca do tema.

Resultados

Quadro 1 – Visão geral dos estudos incluídos nesta revisão de literatura sobre a importância da afetividade nas relações de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista.

Estudo	Título	Achados Principais	Área
Fukui, N., *et al.*, 2023.	Relationships among autistic traits, depression, anxiety, and maternal–infant bonding in postpartum women.	Este estudo sugere que os traços autistas em mães estão relacionados com a ansiedade e a depressão até certo ponto, e ligeiramente relacionados com o vínculo mãe/bebê no período de um mês após o parto.	Psiquiatria
Chang, J.P., *et al.*, 2019.	Maternal and Family Processes in Different Subgroups of Youth with Autism Spectrum Disorder.	Baseado em relatos maternos, o estudo aponta que jovens com TEA obtiveram menos carinho, porém mais proteção da mãe. Interações mãe/filho menos ativas, além de mais problemas comportamentais em casa. A reciprocidade social prejudicada no TEA foi associada ao menor afeto/cuidado materno e à forma como essas mães avaliam sua atitude afetiva em relação aos filhos com TEA.	Psicologia

Barcelos, A. M., *et al.*; 2021.	Understanding the impact of dog ownership on autistic adults: implications for mental health and suicide prevention.	O estudo apresenta como as manifestações de afeto dos cães, para com seus donos autistas, estão relacionadas à uma melhor autoaceitação dos autistas, assim como a demonstração de afeto positivo do cão está ligada à melhora da satisfação com a vida, por parte do autista. Apresenta relatos da importância do cão para a prevenção do suicídio.	Psicologia

DISCUSSÃO

Afetividade e sua etimologia

Para iniciar a discussão proposta por este estudo, cabe definir melhor o que aqui entende-se como "afeto", e sob qual perspectiva a temática será abordada neste trabalho. Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Machado, 1952, p. 102), afeição é o "ato de afetar, influência (...) disposição moral ou física; estado, maneira de ser; disposição, sentimento". Silva (2004, p. 27), por sua vez, define "afeto" como "sentimento. Tem também o significado de paixão".

Em uma de suas aulas denominadas "Passeios Etimológicos", o professor Benoît Le Bouteiller, psicanalista e diretor do Instituto Internacional de Psicanálise, abordou a palavra "afeto". O professor nos ensina que a palavra vem do latim "*affectus*", cujo significado é "estado, disposição da alma". "*Affectus*" vem da palavra latina "*adfició*", que tem como sentido: "o poder de colocar uma pessoa ou coisa em um certo estado, dando ao outro uma determinada coloração, no sentido metafórico" (Bouteiller, 2024).

Ademais, segundo Bouteiller, o termo "*adfició*" se constrói pela união do prefixo "*ad-*" e a palavra "*facio*", que em latim significa "fazer/agir", e vem das raízes etimológicas: indo-europeia "*dheh*" (fazer/colocar), grega "*tithêmi*" (colocar), antigo eslavo "*deti*" (agir/se comportar) e inglesa "*to do*" (fazer). O prefixo "*ad-*", também presente em algumas palavras como "*at-*", tem diversas funções, a depender do contexto linguístico em que é empregado.

Destacam-se dois papéis: a função de exprimir aproximação, por exemplo no latim "*at. trahere*", atrair, seduzir, se aproximar, puxar para si; ou significar o início de algo, por exemplo no latim "*ad.amar*", se apaixonar, o início de um amor (Bouteiller, 2024).

Sendo assim, na etimologia da palavra "afeto" como "*adfició*", o prefixo "*ad-*" apresenta essas duas dimensões: aproximação e início, o que pode ser entendido como:

> A produção de algo que vem de fora sobre o que tem dentro. Um novo fazer que pode começar com a aproximação entre o dentro e o fora, o conhecido e o estrangeiro, o que já está presente e o inédito (Bouteiller, 2024).

No emprego metafórico da palavra "afeto", é comum a utilização da noção do toque (como na construção: "isso me tocou"), a fim de referir-se à aproximação entre dois corpos/espaços distintos que provoca o início de um fazer novo, por exemplo: "esse espetáculo me tocou tanto que eu chorei". Tal história etimológica de "afeto" origina novas palavras e expressões, como "ser afetado", "afeição" etc., cada qual com seu direcionamento e noções próprios.

De acordo com Maturana (2001), o que delimita e define as ações de cada pessoa no contexto social são seus estados afetivos e emocionais, sendo eles a base para o sistema racional humano. Assim, ainda que sejam conceituados diversamente a depender do referencial teórico, os afetos podem ser entendidos como "disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações" (Maturana, 2001, p. 129), nas quais relações humanas, de composição afetiva, são estabelecidas.

Em seu livro intitulado *Ética*, Espinosa (2008) também desenvolve a noção de afeto e abrange em sua definição a ideia do afeto como uma ação. Dessa forma, o filósofo rompe com a até então tradicional maneira de se pensar a afetividade humana, desassociando ser afetivo de ser passivo (Jesus, 2015). Por esse ângulo, o autor escreve:

> Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicação: Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; caso contrário, uma paixão. (Espinosa, 2008, p. 163).

De acordo com o filósofo, a mente é a representação ideológica do corpo, e vive como afeto a ideia de afecção de que sofre o corpo. Sendo assim, afeto e afecção (que aqui estipula-se como imagem, marca corporal) correspondem-se e revelam um mesmo acontecimento, ou seja, se uma afecção amplia ou diminui a potência de agir do corpo, a ideia de tal afecção amplia ou diminui, da mesma maneira, a potência que a mente tem de pensar. Logo, Espinosa entende que o afeto tem caráter psicofisiológico, e o que o diferencia de uma afecção é a sua variação de potência (Jesus, 2015).

Apesar de a ideia de ser afetado envolver, de certo modo, sofrimento/padecimento, quanto mais disposto a ser afetado o corpo estiver, mais aberto ele estará para se relacionar com o que lhe é externo e estrangeiro, aumentando também, consequentemente, suas afecções e afetos, e efetivando, assim, sua potência de agir (Jesus, 2015).

Desse modo, Espinosa (2008) trata da aptidão do corpo para o múltiplo simultâneo – plural *simul* – de afecções, ou seja, do modo diverso que o corpo tem de relacionar-se com o exterior, sendo afetado e, na mesma medida, afetando. Portanto, a potência humana (composta pela potência do corpo de agir e pela potência da mente de pensar) cresceria na medida em que estivesse apta para esse múltiplo simultâneo, ou seja, quanto mais torna-se capaz de afetar e ser afetado de diversas maneiras, mais o homem age e menos padece.

Espinosa (2008) diz dessa relação entre afetar e ser afetado como uma característica dos corpos em geral e não se refere a um corpo específico, até porque o arranjo do corpo humano possibilita relações diversas, tanto do corpo como um todo quanto de cada parte singular que o compõe. Para complementar:

> Todas as maneiras pelas quais um corpo qualquer é afetado por outro seguem-se da natureza do corpo afetado e, ao mesmo tempo, da natureza do corpo que o afeta. Assim um só e mesmo corpo, em razão da diferença de natureza dos corpos que o movem, é movido de diferentes maneiras, e, inversamente, corpos diferentes são movidos de diferentes maneiras por um só e mesmo corpo. (Espinosa, 2008, p. 101).

Por fim, a estrutura do corpo o impossibilita de ser afetado sempre do mesmo modo, o que vai diferenciar os afetos tanto de pessoa para pessoa, quanto em uma mesma pessoa. Além disso, esses afetos não são fixos, mas mutáveis, devido às contínuas mudanças a que estão sujeitos os corpos, em si e através das relações com os outros corpos (Jesus, 2015).

Sucintamente, cada sujeito tem um grau de potência definido pelo quanto pode afetar e ser afetado, simultaneamente, pelos outros sujeitos e pelo ambiente social com o qual interage por meio de seus afetos, em relações dinâmicas e inconstantes. Cada encontro, sob essa perspectiva, carrega o potencial de fazer surgir algo que os indivíduos ainda desconhecem em si, justamente devido a sua constituição múltipla e às relações construídas/desconstruídas nesses encontros (Brazão, 2015).

No contexto da Psicologia, em especial a Psicologia do Desenvolvimento, o afeto tinha um papel secundário até a metade do século XX, tendo em vista que as teorias hegemônicas da época não caracterizavam a importância do afeto como intercessor das relações intersubjetivas. A despeito de não haver um consentimento na Psicologia acerca do destaque que a afetividade tem no desenvolvimento humano, existe o reconhecimento de que o afeto impacta os processos de socialização dos sujeitos (Brazão, 2015).

A histórica relação entre autismo e maternidade

Quando os primeiros estudos sobre autismo foram apresentados, a partir da década de 1940, diversas foram as tentativas de elucidar suas bases com o desenvolvimento de concepções, como as Teorias Psicogênicas, Biológicas e Psicológicas. Muito embora atualmente seja consenso que o transtorno tem suas raízes em fatores neurobiológicos (através das Teorias Psicogênicas), o autismo foi outrora definido como uma desordem afetiva desencadeada por um relacionamento ruim entre mãe e filho. Essa linha de pensamento acusava a figura materna de ser "rígida e perfeccionista", "indiferente" e "emocionalmente fria" (Castela, 2013, p. 11).

Kanner, em especial, muito colaborou para que surgisse um estigma que atormentou e ainda aflige as mães de crianças autistas; tendo em vista que seus trabalhos contribuíram para o processo de responsabilização das figuras maternas pelo atípico desenvolvimento psíquico e emocional de seus filhos (Lopes, 2017). Em 1943, em seu primeiro estudo sobre esse tema, Kanner sinalizou a possibilidade da família do autista provocar o transtorno, pontuando tratar-se de algo inato, cujo "[...] problema central era afetivo e não cognitivo." (Lima, 2014, p. 110). Então, em 1949, o psiquiatra publicou um novo estudo, desenvolvendo o que popularizou-se como a "teoria da mãe-geladeira", que culpabiliza a figura materna peloautismo. Referindo-se ao autismo como "falta de calor materno", fruto de uma "gravidez (que)não havia sido bem-vinda", cuja "mãe demonstrava indiferença, distanciamento físico ou mesmo incômodo com a aproximação da criança" (*apud* Lima, 2014, p. 111), Kanner alegava que os autistas eram mantidos desde cedo em "uma geladeira que não degela" (*apud* Lima, 2014, p. 425) e por isso se isolavam.

A culpabilização materna torna-se ainda mais amplamente divulgada a partir de 1967, com a publicação do trabalho do psicanalista Bruno Bettelheim denominado *A Fortaleza Vazia*, através do qual ele ganhou notoriedade como especialista em crianças autistas, para além do meio acadêmico (Lopes, 2017). Bettelheim (1987) entendia o autismo enquanto uma patologia emocional e, portanto, de origem afetiva, segundo a qual a criança, sentindo-se desamparada e desprotegida, entregaria-se a uma condição de não existência e ocuparia uma "fortaleza vazia". O estudioso pontua:

> Ao longo deste livro mantenho minha convicção de que, em autismo infantil, o agente precipitador é o desejo de um dos pais de que o filho não existisse. (Bettelheim, 1987, p. 137).

Em seu livro, há um destaque para a figura materna no tópico “A Mãe no Autismo Infantil” (Bettelheim, 1987), que centraliza a genitora na discussão ao colocar em pauta os comportamentos e as características maternas. A respeito do autismo, o psicanalista

> [...] atribuía a sua etiologia à impossibilidade da mãe de reconhecer os movimentos antecipatórios e responder às demandas do seu bebê, privando-o da sua presença e de seu investimento, indispensáveis à constituição do eu (Cavalcanti; Rocha, 2001, p. 63).

Para entender melhor esse processo de culpabilização das mães pelo autismo de seus filhos, cabe aqui contextualizar a realidade ocidental no período pós-guerra (Segunda Guerra Mundial), em que se propagava o exercício de uma maternidade específica, normatizada pelo instrumento denominado por Douglas (2014) como “tecnologia afetiva da culpa”, vinculando a maternidade à culpa. Durante esse período, tanto os discursos socioculturais quanto os saberes médicos se construíam na busca pela maternidade compulsória e pela redução da feminilidade (Lopes, 2017).

Assim, por meio da literatura acadêmica, impunha-se uma apreensão quanto às ações e aos pensamentos das mães, diretamente ligados ao desenvolvimento da criança (Douglas, 2014). O termo cunhado por Forna (1999), “cultura da culpa da mãe”, ilustra bem esse sentimento que já está naturalizado em relação à maternidade, uma vez que o controle político social e a regulamentação cultural do corpo da mulher estão enraizados desde o início da gestação, quando a mãe começa a se questionar acerca das próprias decisões, avaliando regularmente seus comportamentos e tornando-se objeto de suspeita e incredulidade, até mesmo das próprias mulheres/mães (Forna, 1999).

Ainda que a neurobiologia tenha ganhado ênfase na bibliografia e nas pesquisas científicas, ainda hoje existe uma culpabilização da figura materna pelo autismo dos filhos, afetando enormemente a vida dessas mães. (Douglas, 2014). Apesar de não serem mais acusadas tão diretamente como “frias”, “pouco amorosas” e, portanto, “responsáveis pelos males que atingem as crianças”, as mães de autistas seguem sendo estigmatizadas, desta vez de formas mais sutis e refinadas, ora por supostamente não aceitarem as condições e as diferenças dos filhos, ora por meio de julgamentos pelo uso de terapias medicamentosas, ora pela imposição do lugar de guerreira, em uma luta constante, solitária e exaustiva (Lopes, 2017).

Em realidade, até mesmo a busca de artigos na base de dados para compor a presente pesquisa expressa uma preponderância da temática: dos 3 artigos selecionados, 2 deles relacionam maternidade, afeto e autismo. O estudo de Fukui *et al*. (2023) ressalta a importância do vínculo mãe/bebê para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento psicossocial saudável

da criança, além de sugerir que a ansiedade e a depressão maternas perinatais estão relacionadas ao comprometimento desse vínculo, o que pode, por sua vez, levar à ausência ou atraso da resposta emocional ao filho e gerar sentimentos de hostilidade, irritabilidade, impulsos agressivos e até mesmo rejeição do neném.

Já o trabalho de Chang *et al*. (2019) demonstra que tanto crianças quanto adolescentes autistas, em análises estratificadas por idade e em comparação com sujeitos de desenvolvimento típico, receberam mais superproteção materna e apresentaram mais problemas de comportamento em casa, sendo que suas mães tinham menos apoio familiar. As crianças autistas com idade de 6 a 11 anos tinham vínculos e interações mãe/filho menos ativos, sendo que as mães relataram menor afeto e cuidado do que as mães de crianças neurotípicas (Chang *et al*., 2019).

Segundo Fukui *et al*. (2023), mães diagnosticadas com autismo apresentam maior probabilidade de relatar experiências pré-natais de depressão e ansiedade pós-parto quando comparadas a mães neurotípicas. Além disso, os traços autistas maternos no estudo pareciam ser preditivos do vínculo materno/fetal, associado às habilidades sociais, imaginação e atenção aos detalhes. Esses traços autistas estão relacionados à ansiedade e à depressão até certo ponto, mas apenas ligeiramente relacionados ao vínculo mãe/bebê no período de um mês após o parto (Fukui *et al*., 2023).

Para Chang *et al*. (2019), o nível de desenvolvimento da criança pode influenciar o estilo parental materno. A reciprocidade social prejudicada no TEA foi relacionada pelos autores ao menor afeto e cuidado maternos, abalados pelos sintomas autistas da criança, como a dificuldade de comunicação verbal, que podem também interferir na maneira como as mães avaliam a própria atitude afetiva para com os filhos. Ademais, o nível de escolaridade materna sendo universitário e superior supôs na pesquisa um maternar mais afetuoso (Chang *et al*., 2019).

Por fim, desde a década de 1920, os trabalhos produzidos pela psicanálise relacionam as questões comportamentais e emocionais infantis à noção de uma maternidade considerada inapropriada. Embora em 1960 Kanner tenha se retratado publicamente com os familiares de autistas por ter contribuído para a estigmatização materna, as mães de autistas até hoje lamentavelmente compõem apenas um dos incontáveis grupos de mães “ruins”, “inapropriadas” e “inadequadas” (Lopes, 2017).

Afeto, corpo, encontro e diferença

Segundo Pessoa e Marques (2019), o sujeito constitui-se por meio dos afetos triviais do cotidiano, das vivências banais e corriqueiras que carregam emoções e intensidades notáveis no corpo e nas relações entre as pessoas, desvelando as capacidades que o indivíduo tem de afetar e ser afetado e inscrevendo-se em um tempo e espaço próprios. Ou seja, por meio dos afetos, temporalidades e espaços distintos, os sujeitos se comunicam, bem como através de histórias, culturas, lembranças, desejos e imaginários. Nesse sentido, a afetividade nos associa aos contextos históricos e políticos (Massumi, 2015).

Uma maneira de coordenar os afetos sociais é criando discursos e estruturando aquilo que se encontra no universo do sentir (Pessoa; Marques, 2019). Conforme já discorrido, para Espinosa (2008), o afeto ultrapassa o aspecto emocional e sentimental, pois diz também das mudanças que um corpo experimenta no encontro com o outro; encontro e interação em que se estruturam e se desestruturam, indefinidamente, o sujeito e o social. Stewart (2007) complementa essa ideia pontuando que há um aspecto contagiante nos afetos, que transitam entre os corpos, se comunicam e contaminam.

Lingis (*apud* Letiche; Moriceau, 2018), por sua vez, afirma que encontrar-se de modo afetivo com o outro é um dom, posto que promove a reconexão por meio de uma sensível abertura ao outro e acolhimento a outros sentidos. Sob essa perspectiva, afeto é exposição e vulnerabilidade, um modo de experimentar o que pode surgir e ser causado pelo contato com o outro. A afetividade, portanto, nos posiciona diante do desconhecido e nos convida a atravessar um espaço diferente, pertencente ao que nos é estranho, constituindo-se nessa interferência (Pessoa; Marques, 2019).

Quando reconhece a diferença no outro, surge no indivíduo uma consciência identitária por meio do princípio da alteridade, que relaciona proporcionalmente a consciência de si e do outro nas trocas sociais e de linguagem. Então, para tomar consciência de si, a pessoa precisa do outro em sua diferença, embora, paradoxalmente, também desconfie desse outro, que ameaça a própria sobrevivência do sujeito para quem é intolerável admitir que outros valores, normas e modos de viver possam existir. O preconceito, sob essa perspectiva, é entendido como um mecanismo de defesa contra a diferença do outro ou a própria diferença, que supostamente intimida (Pessoa, 2018).

Ao sermos afetados e nos depararmos com questões com as quais não podemos lidar de forma familiar, entramos em um processo denominado “individuação”, direcionado a nós e, simultaneamente, à situação (Simondon, 2005). O afeto está na matriz desse processo, nos

compelindo a descobrir nosso potencial para encontrar e construir novas maneiras de nos organizarmos nesses contextos (Pessoa; Marques, 2019).

Isso remete à prática clínica terapêutica de pessoas com TEA, nas quais, através do afeto, o terapeuta esbarra-se com outras formas de ser, estar, se relacionar e trocar experiências e conhecimentos com o sujeito autista, e vice-versa.

O encontro com o outro (que é diferente), não deve se dar de maneira unilateral e partidária, egoísta na satisfação da própria compaixão ou empatia, para expressar interesse ou, no caso do contexto das terapias, para prestar um serviço; mas precisa acontecer de modo que esse outro acesse o mundo de um jeito distinto ao que lhe é imposto (Mendonça; Pessoa, 2021). Ignorar os afetos que surgem nesse encontro seria como "aplicar um modelo pré-imaginado para intervir" (Pessoa; Marques, 2019, p. 11). Infelizmente, é o que muitos terapeutas fazem, eximindo-se da troca e da aprendizagem ali oferecidas, colocando-se em um hierárquico lugar de poder, de detentor das técnicas e do saber.

A interrupção do exercício de um determinado dispositivo de poder (como esse que pode ser observado no relacionamento entre terapeuta e cliente com TEA) acontece por meio da cena de dissenso, que fomenta a construção de arranjos novos e outros ajustes entre as forças que transpassam as pessoas e as suas relações (Pessoa; Marques, 2019). Para Rancière:

> A cena é o lugar de um encontro, enquanto que o dispositivo é uma fabricação, apesar de todos os sentidos diferentes que possamos dar a ele. Dispositivo é um conceito que entendo a partir de Foucault, em que ele é algo como o aparelho que impõe a maneira como vamos nos posicionar, como vamos ser identificados e devemos olhar e sermos vistos. [...] O que me interessa é a cena enquanto lugar de um encontro que é sempre aleatório e submetido a um remanejamento (Rancière, 2018, p. 30-31).

Pela mudança que caracteriza os afetos e impõe aos indivíduos a rejeição da lógica político social vigente, tanto a cena de dissenso quanto o dispositivo se compõem em jogos que encaixam e desconectam sujeitos, forças, redes e fluxos. Se o dispositivo é relacional, a cena de dissenso, por sua vez, possui uma teatralidade que gera movimentos de novas perspectivas acerca dos afetos e dos acontecimentos, por meio da elaboração de quem antes estava impossibilitado de se expressar (Pessoa; Marques, 2019).

O documentário *Corps Accords* (DANA, 2020) retrata bem esse lugar de teatralidade e expressividade, junto à necessidade de, nas interações, romper com os muros impostos pela diferença e pela deficiência, exercitando a presença plena[1] e aumentando as probabilidades de

[1] Por "presença plena", compreende-se como Borges (2023): "(...) sensação de estarmos presentes, vivos e conscientes aqui e agora, inseparáveis de tudo o que percepcionamos e sentimos à nossa volta e dentro de nós (...)

que algo inesperado e espontâneo aconteça no encontro. Por meio do movimento e da dança, os corpos podem experimentar ir para fora das próprias normas, ultrapassando a cristalização e a categorização do olhar, promovendo uma abertura onde fácil e habilmente colocam-se barreiras.

Nesse sentido, separar e distanciar corpo-emoção de mente-razão gera o que pode ser considerado um de seus piores efeitos: a concepção ilusória de dominação mental dos afetos corporais, com a suposição da razão como única via de saber. Pode ser que o saber comece através do sabor dos afetos, do contato e do estímulo do corpo. Há, portanto, uma urgência em ultrapassar esse dualismo platônico, modificando definitivamente a noção de que o intelecto exclui o afeto, e vice-versa (Pessoa; Marques, 2019).

O diferente provoca medo, conforme já discutido, por ameaçar e intimidar o sujeito, porém, simultaneamente, promove crescimento, afinal é no contato com a diferença que se ampliam as bordas da nossa "hospitalidade" – conceito elaborado por Jacques Derrida. De acordo com o filósofo, há dois tipos de hospitalidade: a incondicional e a condicional, que se contrapõem, mas, simultaneamente, não se dissociam e correspondem à habilidade de receber e acolher o estrangeiro, bem como às premissas impostas para que esse acolhimento aconteça (Viana, 2023).

A hospitalidade incondicional é ilimitada, contínua e antecede até mesmo a própria língua/linguagem de quem hospeda, uma vez que abriga o desconhecido, independentemente de quem seja, acolhendo o outro em sua incerteza e sem barganha ou exigência de reciprocidade. Por meio dessa hospitalidade, há a abertura ao estranho, a permissão para deixar vir e chegar a oferta de espaço e lugar, sendo, ao mesmo tempo, absoluta e indeterminada, e, portanto, utópica, jamais obtida (Viana, 2023). Ainda assim, sem a hospitalidade incondicional, não se criam as bases para a hospitalidade condicional, pois "as leis condicionais deixariam de ser leis da hospitalidade se não fossem guiadas, inspiradas, aspiradas, exigidas mesmo pela lei da hospitalidade incondicional" (Derrida, 2003, p. 71).

A hospitalidade condicional tem normas e princípios internos que implicam em acordos, negociações e alianças, ainda que temporários, cujas regras pré-determinam o compromisso com o outro. Logo, essa hospitalidade é um ato ético e político, um convite, ao contrário da abertura indefinível que constitui a hospitalidade incondicional. Tal receptividade absoluta da alteridade (hospitalidade incondicional), no entanto, esse princípio que antecede o início em si,

---

Falo desta presença que há em nós e em tudo, desta presença que somos e que tudo é. Desta pura e indefinível experiência de ser. Simplesmente ser." (Borges, 2023, s. p.).

necessita da hospitalidade condicional, e vice-versa, caracterizando a relação das duas formas de hospitalidade como uma dialética em eterno conflito (Viana, 2023).

Cabe ressaltar ainda que a experiência da hospitalidade é parte da vivência humana, compõe a nossa coletividade, o nosso comportamento e a nossa cultura, e seu aspecto contagioso compreende uma mudança interna, uma locomoção em nossas atitudes éticas quando se trata de experimentar a alteridade. No que toca a essa experiência, não convém impor um saber sobre o diferente, mas, ao contrário, clama-se por flexibilidade e plasticidade internas, pela hospitalidade (ainda que condicional) do outro, da melhor forma possível, acolhendo-o com os limites acordados. Nesse encontro, ocorrem rompimentos e desconstruções de territórios, seguidos da criação conjunta de uma ligação e de uma união com o outro (Viana, 2023).

Sendo assim, na experiência sensível, efêmera e humilde com a alteridade, cujo equilíbrio é frágil, há a exigência do desapego e "abandono de si", através dos quais emergem tanto o encontro com o outro quanto o encontro consigo mesmo (DANA, 2020). Trata-se de uma abertura sem direção, de uma escuta da possibilidade de transformar um sintoma em um movimento de dança, em um espaço de emergência de vida que existe em si. Há, portanto, um acolhimento cuja capacidade se transforma e que se negocia a partir do instante, do momento, do imprevisível e do imprevisto, que escapa, contagia e afeta (Viana, 2023).

Sob essa perspectiva, reflito, enquanto psicóloga de crianças com TEA, sobre como construir uma clínica que seja afetiva e de afetação, isto é, como clinicar com arte, como promover um espaço para a criação e para a invenção em minha prática terapêutica.
Compreendendo epistemologicamente o humano como devir, não reduzido, "nem a uma entidade individuada, nem a uma entidade social predeterminada" (Guattari; Rolnik, 2000, p. 31), compete a nós profissionais a elaboração de uma clínica que transforma, inventa, movimenta e conduz a processos criativos de novos modos de vida, acolhendo as ondulações subjetivas que se produzem.

Certamente o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e seus respectivos órgãos regionais (CRPs) têm uma importância social, política e ética para a classe profissional; suas formas prescritivas e seus objetivos curativos de atuação no campo *psi* estabelecem, porém, um certo domínio sobre a profissão, gerando alguns entraves na prática de quem busca ir além do que está prescrito nos documentos de referência (Biazin; Mansano, 2017), ou quer acolher, como já citado, os imprevistos preciosos e efêmeros que podem surgir no encontro entre os sujeitos.

Ao conectar-se com a vida social cotidiana e suas formas fluidas de ser e existir, ultrapassando modelos já familiares e óbvios, e abrindo espaço para o diálogo com a arte, pode

o psicólogo ir além do que regulamenta sua profissão e conectar-se também com a dimensão criadora de sua clínica? Conforme pontuam Biazin e Mansano (2017), essa possibilidade se realiza apenas quando há uma atuação clínica que extrapola os objetivos previamente definidos para o alívio de sintomas, os quais, por sua vez, abafam os processos criativos. Ou seja, o desafio consiste em sustentar as dúvidas e tensões que surgem nos encontros, abrindo mão das certezas e prontificando-se, assim, para o atravessamento fluido de suas singularidades, descobertas e experimentações.

Por fim, nessa experiência com a alteridade, acontece a transformação, tanto da nossa hospitalidade quanto da construção coletiva do espaço. Dessa vez, sem certezas absolutas, mas por meio de vulnerabilidades e fragilidades expostos nos encontros (Viana, 2023), afinal:

> (...) a subjetividade se faz coletiva, já que sempre circunstanciada por muitos vetores. E, por coletivo, entende-se uma multiplicidade que está para além e aquém do indivíduo e do social – multiplicidade de vetores e intensidades, como os afetos, as sensibilidades artísticas, os movimentos sociais, isto é, todo um conjunto de forças que atravessam as formas individuais e as formas sociais, provocando a sua desestabilização e a criação de novas composições (Passos; Benevides, 2005, p. 11).

Tendo em vista as particularidades do TEA, sua diversidade e diferença, a arte é um instrumento inestimável para a construção de uma relação respeitosa e afetuosa entre os profissionais da saúde e da educação, e os autistas. (DANA, 2024) Nesse processo, é interessante que se estabeleça um relacionamento de parceria e colaboração entre artistas e profissionais, a fim de descobrirem o clinicar e o educar com arte, possibilitando, assim, intervenções a partir dos elementos que o outro apresenta na condução de espaços em que a criação é constante e contagia.

A pesquisa com afeto e o protagonismo autista

As pesquisas das ciências humanas consolidaram-se, em grande parte, pelo uso de uma metodologia rigorosa e neutra, legado deixado pelas ciências naturais “duras”, que desconsideram e eliminam os sentimentos, as sensações e as emoções (Dilthey, 1942). Entretanto, nesse processo de fechar-se para os afetos e as subjetividades, a investigação provavelmente desdenha dos conflitos, das tensões e das histórias dos sujeitos nela envolvidos, produzindo análises rasas e descontextualizadas (Pessoa; Marques, 2019).

A ciência é capaz de sensibilizar e transformar a sociedade, especialmente quando realizada afetivamente, por promover uma experiência mais legítima com a alteridade. Nesse sentido, é necessário visibilizar a função que cabe aos afetos, fugindo à lógica racional (Pessoa;

Marques, 2019). Segundo Moriceau (2016), a perspectiva fundamentada na Teoria dos Afetos tem caráter ético por indagar o estado passivo assumido pelo pesquisador ao dizer do outro, sendo mais interessante procurar conjuntamente dinâmicas que propiciam o diálogo e a conversa com o sujeito pesquisado, dessa vez em um lugar de interlocutor.

Assim, fazer uma pesquisa com afeto demanda do investigador um movimento de aproximação e integração, dispondo-se "em relação com" e "em relação a", diante do tema estudado – postura incompatível com a neutralidade (Pessoa; Marques, 2019). Quando há afeto na pesquisa científica, os limites do investigador e de seus métodos ficam mais explícitos, revelando também a profundidade e a riqueza da empiria, já que os sujeitos estudados se tornam mais autônomos e livres para participar ativamente da construção de seus retratos no estudo (Martino; Marques, 2018).

No que diz respeito ao cenário em que estão inseridos, bem como ao lugar que ocupam no compartilhamento do sensível; os sujeitos pesquisados podem conceber e criar sua própria concepção acerca dessa conjuntura. Nas investigações sobre a deficiência, mais especificamente, é importante destacar a experiência e a narrativa de vida, tendo em vista que dar voz aos sujeitos valida-os como fonte de conhecimento e simboliza um ato emancipatório, que foge dos dispositivos de controle, como bem destaca o lema do movimento de luta pelos direitos das pessoas com deficiência: "Nada sobre nós, sem nós!" (Pessoa; Marques, 2019).

Do ponto de vista da neurodiversidade, o autismo é compreendido como uma identidade rica, para além de uma deficiência; e o que a luta pelos direitos da pessoa com deficiência almeja é encontrar um lugar para essa diferença ao invés de apagá-la. (Houting, 2019) Ainda que a experiência de muitos autistas cause isolamento, como bem elucida Higashida (2013), a comunidade de autistas constitui um forte movimento unido pela diferença (Solomon, 2013), conquistando espaço e direitos ao longo do tempo.

Em seu livro, Higashida (2013) destaca que a visão de mundo dos autistas pode ser "incrível, simplesmente incrível" (Higashida, 2013, p. 54), já que cada elemento é entendido como belo à sua maneira singular, o que os autistas celebram como "uma espécie de benção" (Higashida, 2013, p. 54). Essa colocação condiz com o movimento da neurodiversidade ao enaltecer certos aspectos do autismo, além de evidenciar a necessidade de saber como as pessoas autistas se sentem em relação ao próprio autismo, conforme também destaca Nicolas Joncour em sua apresentação na Autscape de 2023 (Joncour, 2023).

Através de uma ferramenta de comunicação aumentativa alternativa, Joncour (2023) faz fortes relatos acerca das dificuldades que a comunidade autista não falante (*nonspeaking*), da qual faz parte, enfrenta em busca do verdadeiro reconhecimento, inclusive enquanto cidadãos

com capacidades e responsabilidades legais. Como “não falantes”, ele define as pessoas que – não necessariamente (nem somente) autistas –geralmente sofrem de apraxia e não usam o discurso verbal para se comunicar, mas podem e fazem isso de outras formas (Joncour, 2023), como também exemplifica Baggs (2007) em seu manifesto *In My Language*.

Nesse vídeo, Baggs (2007), autista não falante, a princípio retrata sua interação com diversos elementos presentes no ambiente em que se encontra, interação essa que, posteriormente, ela “traduz” como não sendo desproposital, mas uma resposta contínua ao que está ao seu redor. Assim ela expressa o que denomina como sua “linguagem nativa” (*my native language*), que não contém palavras ou símbolos visuais a serem interpretados, mas trata-se de um estado constante de conversa com cada aspecto do ambiente, reagindo fisicamente a todas as partes do entorno (Baggs, 2007).

Tanto Joncour (2023) quanto Baggs (2007) abordam a discriminação que sofrem enquanto autistas não falantes, tendo suas habilidades subestimadas e seu lugar de fala tomado por quem não os representa e, portanto, não combate a estigmatização que envolve o autismo, em especial o não falante. Conforme coloca Baggs (2007): “julgam minha existência e personalidade. A forma como naturalmente penso e respondo é tão diferente do padrão que muitos a invalidam” (tradução própria), e os autistas não falantes só são vistos, levados a sério e considerados comunicativos quando aprendem a linguagem verbal típica para se comunicar, o que ressalta ainda mais a necessidade de que acessem a educação e participem das pesquisas e retratos sobre si.

Ao romper com a verticalização das relações, colocando-se horizontalmente diante da rede que conecta sujeitos pesquisados, pesquisadores e leitores; o investigador amplia as possibilidades do que pode surgir, principalmente por assumir a própria ótica, atravessada pelas diversas potências sociais e históricas que nos compõem enquanto indivíduos e sociedade. Sendo assim, permitir-se ser tomado pelos afetos, enquanto pesquisador, demonstra o acolhimento de si no que tange ao que é pesquisado, bem como a possibilidade de troca, afetando também o objeto de estudo. Tanto pesquisador quanto sujeito a ser pesquisado se formam mutuamente nessa relação de concepção do mundo que habitam e sobre o qual escrevem (Pessoa; Marques, 2019).

Logo, o pesquisador deve valorizar sua biografia e legitimar a própria experiência como fonte de conhecimento no estudo (Collins, 2016). Essa guinada (auto)afetiva ultrapassa a esfera do posicionamento, já que propicia também um melhor entendimento dos sujeitos e dos contextos investigados por meio da trajetória de conflitos, dúvidas, provocações e erros na relação do cientista com seu próprio trabalho (Pessoa; Marques, 2019).

O que constitui um investigador de fato, ao contrário das certezas e da precisão, é a coragem de aventurar-se no desconhecido, criando um entendimento que favorece o mistério, as reflexões, as incertezas e as entrelinhas, em um mergulho no outro enquanto alguém envolvido em histórias, experiências e vida. Colocar-se nessas frestas e fronteiras, a fim de construir e desconstruir questões, é fundamental para nos distanciar da rigidez do método pelo método (Pessoa; Marques, 2019).

Afeto, TEA e saúde mental

Na área do TEA, há uma quantidade desproporcionalmente maior de estudos centrados nas crianças, tendo em vista o engano comum de que o autismo só está presente na infância, quando, ao contrário, é uma condição vitalícia. Na idade adulta, o transtorno é acompanhado por doenças mentais em uma elevada quantidade de casos (Barcelos *et al*., 2021), muito embora as pesquisas nesse sentido ainda sejam iniciais e sem instrumentos típicos que avaliem casos, como depressão e ideação suicida nesses grupos (Oliveira; Maia, 2022).

Ainda que poucos, os estudos já realizados sobre essa temática apontam o elevado risco de suicídio de adultos com TEA, que, mesmo representando apenas 1% da população geral (Rai *et al*., 2018), compõem entre 7,3 a 15% dos que têm comportamentos suicidas (Hofvander, 2009). Quanto aos gêneros, a pesquisa de revisão feita por Ruggieri (2020) demonstra que possivelmente uma maior incidência de depressão nas mulheres autistas ocorra por elas terem uma percepção maior de suas dificuldades sociais e as camuflarem, a fim de se adaptarem socialmente.

O estudo de Barcelos *et al*. (2021) aponta que as chances de desenvolver depressão e ideação suicida são mais altas em adultos com TEA devido à sua maior exposição aos fatores de risco, muitos dos quais estão atrelados aos traços próprios do autismo, como: doenças psiquiátricas comórbidas, necessidades de suporte não atendidas, baixa autoestima, não ter envolvimento em alguma atividade, percepção de sobrecarga, pertencimento frustrado, entre outros (Oliveira; Maia, 2022).

Há sempre a possibilidade de que uma pessoa com TEA esteja em forte sofrimento em consequência de alguma comorbidade patológica, sendo primordial atentar-se aos sinais de depressão e não atrelar tudo que é expresso cognitiva e comportamentalmente como diretamente ligado ao quadro de autismo (Ruggieri, 2020). O suicídio é uma das principais causas de morte prematura de autistas, o que torna essencial entender melhor os fatores

responsáveis por aprimorar ou agravar o bem-estar desses adultos, no intuito de construir estratégias de prevenção de suicídio específicas para essa população (Barcelos *et al*., 2021).

Pode-se citar como fatores de proteção para depressão e ideação suicida: apoio social, envolvimento com alguma tarefa ou atividade, cultivo de algum relacionamento íntimo/amoroso (Oliveira; Maia, 2022) – o que ressalta a importância e o papel do afeto. Estudos prospectivos de caso-controle com famílias de crianças autistas demonstraram que ter um cão de estimação diminui a ansiedade da criança e o estresse parental, apaziguando dificuldades familiares (Barcelos *et al.*, 2021).

Segundo Barcelos *et al*. (2021), ter um cão pode ter o potencial de melhorar a qualidade de vida de qualquer pessoa que gosta de cães, e, frente ao autismo, os animais de estimação ajudam de diversas maneiras. As interações que aproximam cães e donos, como dar e receber carinho, passear, ter a presença do cão, foram as atividades mais citadas nas pesquisas como as responsáveis por melhorar as emoções, o humor e o funcionamento da vida; ao passo que atividades rotineiras, tal qual alimentar o animal, foram relatadas como motivadoras para melhorar o funcionamento da vida (Barcelos *et al*., 2021).

A expressão de afeto dos cães para com seus donos, como cumprimentar e tocar o dono, estava vinculada à autoaceitação do adulto autista, juntamente com o sentimento de dever cumprido pelo bom comportamento canino e a habilidade de efetivamente cuidar e treinar o animal. As demonstrações de afeto positivo do cão, como seguir o dono, ou simplesmente o fato de possuir um cão também foram descritas como importantes na melhora da satisfação com a vida (Barcelos *et al*., 2021).

Por fim, uma característica importante dessa pesquisa foi a frequente narrativa da relevância do cão para a prevenção do suicídio (16,7% dos participantes) (Barcelos *et al*., 2021). Logo, o afeto e em particular a afetividade (relativa à interação e ao cuidado de um animal de estimação), estão relacionados à melhora da saúde mental de adultos com TEA, influenciando positivamente em sua autoaceitação, satisfação com a vida, emoções e humor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar o impacto do afeto nas relações de pessoas com TEA e teve como pergunta norteadora: Qual o papel da afetividade nos relacionamentos de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista?

Os 3 artigos selecionados na base de dados Pubmed, a partir da busca por publicações dos últimos 5 anos utilizando as palavras-chave "*autism*" e "*affection*", mostraram que: (i) traços autistas em mães estão relacionados com a ansiedade e a depressão, e relativamente relacionados com o vínculo mãe/bebê no período de um mês após o parto (Fukui, *et al*., 2023); (ii) a reciprocidade social prejudicada no TEA está associada ao menor afeto materno e ao modo como essas mães avaliam sua afetividade para com seus filhos com TEA (Chang, *et al*., 2019); e (iii) as manifestações de afeto de cães para com seus donos autistas são importantes para sua melhor aceitação, satisfação com a vida e prevenção do suicídio (Barcelos *et al*., 2021).

Como pudemos notar, o afeto tem um papel primordial para a evolução humana, para a formação do sujeito e para a construção de suas relações sociais. No que diz respeito às pessoas autistas, isso se torna ainda mais evidente, especialmente quando estudamos a história da definição do transtorno como uma nova categoria nosológica, diretamente relacionada ao afeto e frequentemente ligada ao vínculo materno.

Em relação à maternidade, o processo histórico de responsabilização das mães pelo desenvolvimento psíquico e emocional de seus filhos ainda hoje contribui para a estigmatização da figura materna, mais especificamente as mães de autistas, culpabilizadas através de teorias ultrapassadas como a da "mãe-geladeira". Acusadas de serem incapazes de reconhecer e responder às necessidades de seus filhos, as mães de autistas até hoje lamentavelmente compõem apenas um dos incontáveis grupos de mães consideradas "ruins" e "inadequadas".

Como pontuado por Maturana (2001), os afetos e as emoções de cada um coordenam e direcionam ações, posições intelectuais, profissionais e políticas, sendo a base para o sistema racional humano e para as relações intersubjetivas. Essas relações têm composição afetiva, de acordo com os termos desenvolvidos pela filosofia de Espinosa (2008), assim como os encontros podem fazer surgir algo novo, a partir da potência afetiva que cada sujeito carrega.

Ademais, a afetividade está transcrita nos corpos, ultrapassando seu aspecto sentimental e emocional, registrando-se também nas manifestações físicas e contaminações corporais, como bem demonstra a arte. O afeto é um poderoso recurso de descoberta e uma ferramenta de encontro com a diferença; ele desempenha uma função central na socialização e na habilidade de os indivíduos interagirem com o ambiente. No contexto clínico, as intervenções que têm

como base o afeto ressaltam ainda mais sua importância, por estimularem esses aspectos em pessoas com deficiência e transtornos do desenvolvimento, como o autismo (Brazão, 2015).

Em suma, o afeto tem também seu importante papel na pesquisa científica, por promover um maior envolvimento, engajamento e também protagonismo do investigador, lugar que pode e deve ser assumido pelos próprios autistas na discussão de suas vidas, histórias, condições e sonhos.

Entende-se a necessidade de que novas investigações sejam realizadas, tanto quantitativas como qualitativas, a fim de abordar a temática de modo mais direcionado e aprofundado, posto que a busca na base de dados desse estudo limitou-se a uma única ferramenta e, por isso, resultou em poucos artigos que de fato tratavam do assunto.

Por último, essa pesquisa foi pessoalmente marcante por possibilitar o aprofundamento nas reflexões que já haviam surgido em minha própria prática clínica com crianças autistas: "De que forma posso ser mais afetiva e afetuosa em minhas intervenções?", “Como construir uma clínica permeada por arte?”, “É possível ater-me aos pressupostos teóricos que me guiam na profissão e, ao mesmo tempo, viver a abertura para o novo, o desconhecido e o imprevisível que surge no momento do encontro?”. Questões essas para as quais não necessariamente há uma (única) resposta, mas através das quais sou capaz de trabalhar meu corpo, meus afetos, minhas intuições – me movimentar e crescer – através e junto do outro.

REFERÊNCIAS

BAGGS, A. M. *In My Language***.** YouTube. 14 jan. 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JnylM1hI2jc. Acesso em: 19 fev. 2024.

BARCELOS, A. M. *et. al.* Understanding the impact of dog ownership on autistic adults: implications for mental health and suicide prevention. *Sci Rep*, v. 11, 2021.

BETTELHEIM, B. *A fortaleza vazia***.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BORGES, P. *Presença Plena*. Lisboa: Farol, 2023.

BOUTEILLER, B. L. *Passeios Etimológicos*. Instituto Internacional de Psicanálise, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1aJCbUzi22LQDKpSj7hDyzpx2zlB9wxf0/view?usp=sharing. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRAZÃO, J. C. C. A implicação do afeto na psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva contemporânea. *Psicologia*: Ciência e Profissão, v. 35, p. 342-358, 2015.

CASTELA, C. A. *Representações sociais e atitudes face ao autismo.* 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Universidade do Algarve, Portugal, 2013.

CAVALCANTI, A. E.; ROCHA, P. *Autismo***.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

CHANG, J. PC. *et. al.* Maternal and Family Processes in Different Subgroups of Youth with Autism Spectrum Disorder. *J Abnorm Child Psychol*, v. 47, p. 177–194, 2019.

COLLINS, P. H. Aprendendo com as outsider within. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31. n. 1. jan/abr. 2016.

DANA cia e associação. *Corps accords*. YouTube. 13 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vTs1-v3unKM. Acesso em: 19 fev. 2024.

CUNHA, E. *Autismo na escola*: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DERRIDA, J. *Da hospitalidade***.** Tradução de Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DILTHEY, W. *Introduction à l'étude des sciences humaines*: essai sur le fondement qu'on pourrait donner à l'étude de la société et de l'histoire. Traduzido por L. Sauzin. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 1942.

BIAZIN, R. D. R,; MANSANO, S. R. V. *Conexões entre a arte e a prática clínica. Revista de Psicologia da UNESP*, v. 16, n. 2, p. 01-11, 2017.

DOUGLAS, P. *Autism's "Refrigerator Mothers"*: Identity, Power, and Resistance. Comparative Program on Health and Society (CPHS)/Munk School of Global Affairs at Trinity College University of Toronto, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/11991078/Autisms_Refrigerator_Mothers_Identity_Power_and_Resistance. Acesso em: 19 fev. 2024.

DSM–5 – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. American Psychiatric Association. Tradução de Maria Inês Correa Nascimento *et al*. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ESPINOSA, B. *Ética***.** Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

FARIA, M. S.; SANTOS, M. S. P.; CRUZ, R. F. *O olhar que ensina*: Importância da afetividade na aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista na pré-escola. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Pedagogia. – Centro Universitário Uma Divinópolis, 23 p., 2021.

FORNA, A. *Mãe de Todos os Mitos*: como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FUKUI, N. *et al.* Relationships among autistic traits, depression, anxiety, and maternal–infant bonding in postpartum women. *BMC Psychiatry*, v. 23, p. 463, 2023.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 2000.

HIGASHIDA, N. *O que me faz pular*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

HOFVANDER, B. *et al*. Psychiatric and psychosocial problems in adults with normal-intelligence autism spectrum disorders. *BMC psychiatry*, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2009.

HOUTING, J. D. Neurodiversity: An insider's perspective. *Autism*, v. 23, n. 2, 2019, p. 271–273.

JONCOUR, N. *Nonspeaking autistic people can give a different voice*: let's be proud and visible! YouTube, 24 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FwvfeIQvukI. Acesso em: 19 fev. 2024.

JESUS, P. B. M. Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa. *Cadernos espinosanos*, n. 33, p. 161-190, 2015.

KANNER, L. Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. *Profala*. 1943. Disponível em: http://www.profala.com/artautismo11.htm. Acesso em: 19 fev. 2024.

LETICHE, H.; MORICEAU, J-L. An interview with Alphonso LINGIS, *Society and Business Review*, v. 13, n. 3, p. 254-257, 2018.

LIMA, R. C. A Construção Histórica do Autismo (1943-1983). *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 109-123, 2014.

LOPES, B. A. Autismo e culpabilização das mães: Uma leitura de Leo Kanner e Bruno Bettelheim. *In:* Congresso Mundos de Mulheres, 2017, Florianópolis. *Anais*... Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503543977_ARQUIVO_AUTISMO-E-CULPABILIZACAO-DAS-MAES-UMA-LEITURA-DE-LEO-KANNER-E-BRUNO-BETTELHEIM.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

MACHADO, P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, tomo I, 1952.

MARTINO, L. M. S., MARQUES, A. C. S. A afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. *Revista Matrizes*, v.12, no 2, maio/ago. 2018, p. 217-234.

MASSUMI, B. *Politics of Affects*. Cambridge UK: Polity Press, 2015.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MENDONÇA, S. S; PESSOA, S. C. Acessibilidade afetiva por e para autistas: ativismo na pandemia da COVID-19. *Revista Culturas Midiáticas*, João Pessoa, v. 15, p. 189-209, 2021.

MORICEAU, J-L. Une approche affective de la communication organisationnell. *Revue française des sciences de l'information et de la communication* [En ligne], v. 9, 2016.

O COMEÇO da vida. Direção de Estela Renner. Produção de Luana Lobo e Marcos Nisti. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1zFLgMJMH9c. Acesso em: 19 fev. 2024.

OLIVEIRA, L. G. de; MAIA, J. L. F. Depressão e suicídio em adultos com o Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão sistemática. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 15, 2022.

PASSOS, E.; BENEVIDES, B. Passagens da clínica**.** *In*: Maciel, A; Kupermann, D.; Tedesco, S. (org.), *Polifonias*: Clínica, Política e Criação. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

PESSOA, S. C. *Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência*: experiências e partilhas. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018.

PESSOA, S. C.; MARQUES, A. S. *Afetos*: Pesquisas, reflexões e experiências em 4 encontros com Jean-Luc Moriceau. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019.

RAI, D. *et al*. Association of autistic traits with depression from childhood to age 18 years. *JAMA psychiatry*, v. 75, n. 8, p. 835-843, 2018.

RANCIÈRE, J. *La méthode de la scène*. Entretien avec Adnen Jdey. Paris: Lignes, 2018.

RUGGIERI, V. Autismo, depresión y riesgo de suicidio. *Medicina*, v. 80, p. 12-16, 2020.

SILVA, D. *De onde vêm as palavras*. São Paulo: A Girafa, 2004.

SIMONDON, G. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*: Introdução. Traduzido por Pedro Ferreira e Francisco Caminati. 2005. Disponível em: http://cteme. files. wordpress. com/2011/05/simondon_1958_intro-lindividuation. Pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

SOARES, V. D. M. Hospitalidade e democracia por vir a partir de Jacques Derrida. *Ensaios filosóficos*, v. 1, 2010.

SOLOMON, A. *Longe da árvore*: Pais, filhos e a busca de identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

STEWART, K. *Ordinary Affects, Durham*. NC: Duke University Press, 2007.

VIANA, A. F. Corredores da hospitalidade. O que pode a arte? Autismos, afetos, artes. *In*: REINALDO, Maria Rejane (org.) *Coleção Memória Viva da Cultura e das Artes* - Teatro Boca Rica, v. 5, Fortaleza, 2023.